

Nurya Martinez-Gayol, a.c.i.

A Eucaristia, espaço de Reparação

SANTA RAFAELA MARIA



ESCRAVAS DO SAGRADO
CORÇÃO DE JESUS

Títulos disponíveis nesta colecção

1. Um caminho, uma vida: história de Santa Rafaela Maria – *Margarita Agustí, a.c.i.*
2. Características humanas de Santa Rafaela Maria – *Eduarda Barata, a.c.i.*
3. Características de Santidade em Santa Rafaela Maria (Tirado do Prólogo de *Palabras a Dios y a los hombres*), *José Luís Martín Descalzo*
4. Santa Rafaela Maria e a Eucaristia – *Inmaculada Yáñez, a.c.i.*
5. A Eucaristia, espaço de Reparação – *Nurya Martinez-Gayol, a.c.i.*
6. A Reconciliação na vida de Santa Rafaela Maria – *Inmaculada Yáñez, a.c.i.*
7. Escrever a minha história só na mente de Deus – *Angeles Mera, a.c.i.*

I PARTE

A Eucaristia: da ruptura à comunhão

O Concílio Vaticano II – há já 40 anos! – declarava que a Eucaristia era «*fonte e centro de toda a vida cristã*» (LG11). João Paulo II incentivava-nos a encontrarmo-nos com Cristo na Eucaristia: «Queridos irmãos, encontrai-O e contemplai-O de um modo muito especial na Eucaristia, celebrada e adorada diariamente como fonte e centro da existência e da acção apostólica».¹

E o nosso Papa, Bento XVI, no próprio dia da sua eleição, retomava a voz do Concílio ao anunciar o tema do Sínodo dos Bispos que teve lugar no passado mês de Outubro: «*A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*». E animava todos os católicos a «*alimentados e sustentados pela Eucaristia... sentirem-se estimulados a tender para aquela unidade plena que Cristo desejou ardentemente no Cenáculo*».²

Vamos voltar o nosso olhar para o Cenáculo, para esse desejo ardente de «comunhão» que o Coração de Jesus, na noite em que ia ser entregue, quis transmitir aos seus amigos, e que fez realidade através da entrega livre e consentida da Sua própria vida: «*este é o Meu Corpo que Se entrega...*». Porque, em último caso, é nisto que consiste a reparação: num processo que a partir da ruptura, da fragmentação e da dispersão, nos conduz à plenitude da unidade e à comunhão.

¹ JOÃO PAULO II, *Homilia*, n.º4: *L'Osservatore Romano*, edição em língua espanhola, 9 de Fevereiro de 2001, p. 7.

² Primeira homilia do S. S. Bento XVI (20 Abril 2005): «*A Eucaristia torna constantemente presente Cristo ressuscitado, que continua a oferecer-se a nós, chamando-nos a participar da mesa do Seu Corpo e do Seu Sangue. Da comunhão plena com Ele brotam todos os outros elementos da vida da Igreja, em primeiro lugar a comunhão entre todos os fiéis, o compromisso de anúncio e testemunho do Evangelho, o fervor da caridade para com todos, especialmente para com os mais pobres e pequeninos.*»

Pois bem, aquela «unidade plena» que Cristo desejou ardentemente no Cenáculo tem o seu fundamento e a sua última meta na vida trinitária – espaço paradoxal de unidade na diversidade –, onde se nos mostra a mais íntima e perfeita comunhão.

O amor trinitário como eucaristia realizada

Daí que o facto de determos o nosso olhar na Última Ceia não nos aproxima só de Jesus e desse Seu desejo de comunhão que alcança toda a família humana, mas mostra-nos também o mistério mais profundo da vida divina, o mistério do Deus uno e trino. E a razão baseia-se, como magistralmente nos recordou o grande teólogo do séc. XX von Balthasar³, no facto de que o amor trinitário é desde sempre a Eucaristia realizada: «por trás do sacrifício do Filho ao mundo, está a entrega de amor, essencialmente sempre a mesma, do Pai como fonte da Eucaristia», está em geral a absoluta entrega de cada uma das Pessoas às outras, uma entrega que não pode ser superada por nada económico⁴. Assim, esta entrega, condição que possibilita o mistério eucarístico, é o paradigma último da nossa vida comunitária e da compreensão da Igreja como comunidade, que tem o seu modelo definitivo na comunidade trinitária..., nessa unidade que se consuma na diversidade através da comunicação de amor entre as pessoas.

³ Para o que se segue: H. U. VON BALTHASAR, *TD* 2, 262-263; *TD* 5, 468.

⁴ H. U. VON BALTHASAR, *Teodramática* 2, Madrid 1992, 263: «A autodoação absoluta do Pai. A origem gera verdadeiramente o Filho coeterno e do encontro e união de ambos procede o único Espírito, a hipóstase do dom por excelência.»

Como e onde podemos contemplar que o Amor Trinitário é Eucaristia realizada?

Na mesma relação das três pessoas divinas: o Pai não reserva para Si o ser Deus sozinho e «esvazia-Se»⁵ – por assim dizer – na geração do Filho dando-Se-Lhe totalmente. O Filho, por Sua vez, recebe-Se totalmente do Pai e na Sua adesão à autoentrega do Pai, está disposto a aceitar toda a forma de «entrega de si» só imaginável por Deus. Ao Pai tudo retorna em acção de graças⁶ (Eucaristia), numa dupla dádiva de amor e ser, só possível através do Espírito de Amor⁷, que preenche a «diástasis» (separação) que se abre entre o Pai e o Filho numa perfeita comunhão⁸.

Este é o modelo da vida eucarística no qual estamos convidados a participar. Entrar no dinamismo eucarístico supõe conformar-nos com este modo de existência divina⁹, na qual cada pessoa é na medida em que se autoentrega inteiramente ao outro ao mesmo tempo que se recebe em

⁵ No amor do Pai encontra-se uma renúncia absoluta a ser Deus só para si próprio, um deixar ir do ser divino, e neste sentido, uma (divina) a-teidade (naturalmente do amor): H. U. VON BALTHASAR, *Teodramática IV*, 300.

⁶ A resposta do Filho à posse consubstancial da divindade recebida não pode ser outra coisa senão uma eterna acção de graças (*Eucaristia*) à origem fontal, que é o Pai, acção de graças totalmente gratuita e desinteressada, tal como a primeira doação do Pai»: *ibid.*

⁷ «Procedente de ambos, como seu «nós» subsistente, respira o Espírito comum que sela a infinita diferença, mantendo-a no próprio tempo abaerta (como é próprio da essência do amor) e fazendo de laço da sua unidade, por ser o único espírito de ambos.» *Ibid.*

⁸ «Por parte de Deus revela-se aí a lei mais íntima do amor trinitário em virtude do qual cada hipóstase, no «afundamento» próprio (como entrega sem reserva), faz com que «emirja» a outra... O Pai divino (Eckhart) esgota-Se a si mesmo ao gerar o Filho, que é actualizado em nós através do fogo do Espírito Santo.»: H. U. VON BALTHASAR, *TD V, El último acto, Madrid 1997*, 464.

⁹ Assim «no mistério da Trindade a criatura pode considerar-se a si mesma como um acto de acção de graças a Deus, de tal forma que, recebendo-se a si mesma e identificando-se consigo mesma chegue a realizar assim o acto perfeito do agradecimento, já que na realidade só se aceita o que Deus quer dar»: H. U. VON BALTHASAR, *TD II, Las personas del drama: el hombre en Dios*. 264.

eterna acção de graças¹⁰. Através da Eucaristia somos co-implicados necessariamente na atitude de entrega do Filho e na mesma entrega Trinitária.

A Eucaristia, como dom de Deus que desce ao mundo é um dom Trinitário: «o Pai é aquele que entrega ao mundo, através da mediação unificadora do Espírito, o corpo do Filho revestido assim pelo amor divino»¹¹, um dom que é oferecido ao mundo como comida, como banquete, como boda. Um dom que nos é dado como comunicação de vida trinitária – uma vez que o Pai «envia» e «entrega» o Seu Filho ao mundo –, e como realização, ao mesmo tempo, de uma existência eucarística terrena exemplar.

Para isso, era essencial que o corpo do Filho fosse introduzido na esfera da nossa criaturalidade e caducidade, para «a partir de dentro» se converter em modelo de vida terrena e alimento de vida eterna. Mas era essencial também que se criasse uma autêntica reciprocidade – uma vez que «a Eucaristia como acto de amor é necessariamente algo recíproco»¹² –, e não só para lá da história, mas já aqui, o que é realizável através da acção do Espírito Santo que torna possível que se dê em nós quer a recepção voluntária do dom quer uma resposta adequada.

Surge já aqui um dado que vincula eucaristia e reparação, dado que a reparação consiste fundamentalmente num «retorno de amor». E este retorno de amor, de forma paradigmática, produz-se em toda a Eucaristia.

¹⁰ Daí que o Pai seja o «Eu absoluto que desde sempre criou para Si um Tu igualmente absoluto e que é com Ele, no Espírito, um só Deus»: *Ib.*, 263.

¹¹ *Ibid.*

¹² «A *circuminsessio* das hipóstases divinas e o seu ser total em reciprocidade constituem o arquétipo que, no entanto, é sempre procurado mediante o que foi na terra o sacramento da *Communio*, a entrega do corpo do Filho pelo Pai no Espírito Santo... a face económica do intratrinitário.» *Ib.*, TD V, 467.

Uma chave: a capacidade transformadora da eucaristia

A partir deste fundamento trinitário, vamos debruçar-nos sobre o relato da instituição da Eucaristia que os Evangelhos nos narram, tentando perceber nele:

- a capacidade transformadora da Eucaristia,
- e mais concretamente, como dela emana um dinamismo capaz de converter contextos de ruptura em contextos de comunhão (esta passagem da ruptura à comunhão será de alguma forma o nosso *leit motiv*, e a perspectiva a partir da qual tentaremos mostrar o carácter de espaço intrinsecamente «reparador» da Eucaristia).

A partir daí, deter-nos-emos no que denominei «os 4 verbos do amor reparador», que na realidade são os 4 verbos do amor eucarístico, dessa vitória do amor, do amor até ao extremo que é a Eucaristia, que se concentra numa expressão na qual reconhecemos a presença salvífica d'Aquele que veio dar a vida ao mundo: «Este é o Meu corpo... que Se entrega» e com a qual somos chamados a identificar-nos para poder levar adiante o Seu projecto no mundo...

As palavras de Jesus – «fazei isto em Minha memória» – são um convite permanente não só a recordar mas a ser com as nossas vidas «memória viva do modo de existir e de agir de Jesus»¹³, um modo de ser eucarístico.

Contemplar os gestos de Jesus converte-se então para nós numa obrigação, pois é desse «modo de existir e de agir» que temos de fazer memória viva, memória existencial.

¹³ VC 21

A Última Ceia: Vitória do amor que da ruptura cria comunhão...

O texto bíblico (sinópticos, Paulo) do relato da Última Ceia vai trazer-nos alguns dados fragmentados que, no entanto, serão suficientes para reconstruir a situação e fazer o que Inácio chama nos eExercícios a composição de lugar, «composição vendo o lugar», EE [47].

Então, a situação que habitualmente pintamos como uma idílica refeição entre amigos, cheia de intimidade, alegria e fraternidade, parece que na realidade estava marcada por circunstâncias bem adversas, que faziam dela um dos maiores contextos de ruptura que podemos imaginar.

- Era de «noite»... diz-nos o texto. A noite é a hora das trevas, apesar de ser também no mundo bíblico um espaço clássico para o encontro com Deus a partir da fé.
- Conspiração externa dos poderes do mundo.
- Traição interna, por um do grupo.
- Invejas e falsos testemunhos... conjurando-se na sombra e no segredo.
- Falsa disponibilidade dos amigos...
- Anúncio de negação, de abandono e de dispersão.
- Críticas ao único gesto de ternura amorosa que O envolve nestas últimas horas (unção de Betânia).
- Até o discípulo amado que se recosta sobre o Seu peito, fá-lo mais pela curiosidade que pelo desejo, num gesto que se revela «pouco gratuito».
- O grupo dos Seus, os Seus discípulos, que O seguiram desde o início, continuam a discutir até ao fim sobre quem é o maior, sem conseguirem perceber o sentido dos Seus gestos e sem aprender o modo de servir o seu mestre que se encontra a seus pés, porque, definitivamente, não compreenderam nada.
- Solidão profunda, fruto desta incompreensão generalizada, da multidão, dos amigos... de todos! Até do Pai, que lhe confia

todo o Seu projecto e parece retirar-Se – «sabendo perfeitamente que o Pai tudo Lhe pusera nas mãos» (Jo. 13, 3) – O projecto de Deus está de tal maneira nas Suas mãos que Jesus tomá-lo-á e entregá-lo-á dizendo e assumindo que «esse» é o Seu Corpo.

E neste contexto de ruptura... vamos contemplar a vitória do amor. Neste contexto de ruptura «amou-os até ao fim»... apesar dos tremendos obstáculos com que este amor se encontra.

Mt 26, 26-28	Lc 22, 19-20	Mc 14, 22-24	1 Cor 11, 23-25
Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos Seus discípulos, dizendo: «Tomai, comei: Isto é o Meu corpo.» Em seguida, tomou um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo: «Bebei dele todos. Porque este é o Meu sangue, sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados.»	Tomou, então, o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles, dizendo: «Isto é o Meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em Minha <u>memória</u>.» «Este cálice é a nova Aliança no Meu sangue, que vai ser derramado por vós.»	Enquanto comiam, tomou um pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e entregou-o aos discípulos dizendo: «Tomai: isto é o Meu corpo.» Depois, tomou o cálice, deu graças e entregou-lho. Todos beberam dele. E Ele disse-lhes: «Isto é o Meu sangue da aliança, que vai ser derramado por todos.»	Com efeito, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: o Senhor Jesus, na noite em que era entregue, tomou pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: «Isto é o Meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de Mim.» Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice e disse: «Este cálice é a nova Aliança no Meu sangue; fazei isto sempre que o beberdes, em <u>memória</u> de Mim.»

Assim, estamos perante um CONTEXTO de dispersão, de divisão, de separação e traição, de fragmentação, de ruptura e abandono. Este é o marco da ruptura nas relações humanas que ilumina:

- por um lado, a ruptura mais radical: A MORTE;
- e por outro, outra ruptura mais funda, que não está explícita mas que é a verdadeira força motivadora do que vai acontecer: a ruptura com o plano divino, com o projecto de comunhão de vida que Deus tinha sonhado para a humanidade; a ruptura do pecado, a ruptura da Aliança, a ruptura do sonho de Deus para o mundo. Ruptura que leva a vida trinitária a um definitivo gesto de abertura, de saída e de entrega, do amor que Deus é, para o mundo, naquele «não poupar o próprio Filho». O Amor trinitário que é a Eucaristia realizada, é também a condição que possibilita esta Eucaristia económica do Filho, que supõe uma tripla entrega:
 - o Pai que entrega o Filho...
 - o Filho que «Se entrega»...
 - «um de vós Me entregará»... a entrega do traidor e dos poderes políticos e religiosos.

De certa forma ambas as «rupturas» (com o mundo e com Deus) estão presentes por trás da «condenação à morte de Jesus». O «morto» é considerado no AT como aquele que caiu no nada, o que não é, o que sucumbiu na passividade eterna que se caracteriza pela ausência de comunicação e relação com qualquer ser vivente, mas ao mesmo tempo trata-se de uma ausência de relações com Deus – «os vivos, os vivos são os que Te louvam...!» cantamos com Isaías (Is 38, 19) – . E mais ainda quando se trata da morte de um condenado, expressão máxima do desejo da sociedade de romper com aquele que condena, e ao mesmo tempo a recusa de Deus, uma vez que a condenação religiosa à cruz comportava a maldição de Deus: «maldito aquele que está crucificado num madeiro» (Ga 3, 13; Dt 21, 23).

Qual é a resposta de Jesus?

É quase impensável uma situação de maior ruptura, e nela:

«O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue
tomou o pão, depois de **dar graças, partiu-o**, dizendo:
 «Este é o Meu corpo, entregue por vós»»

Só um excesso de amor podia tornar possível esta resposta que supõe a inversão total da situação e que possibilita a transformação de uma realidade de RUPTURA, num espaço de COMUNHÃO.

Aquele que «é entregue» à força à morte...	—————>	antecipa livremente a própria morte na oferta da sua vida.
Acusado falsamente, traído, negado, insultado...	—————>	bendiz (bem dizer) santifica dá graças
Aquele cujo corpo vai ser ultrajado e destruído...	—————>	faz-Se presente no pão por Ele mesmo partido...
Aquele cujo sangue é derramado até à última gota...	—————>	despoja-Se antecipadamente da Sua vida com a qual estabelece definitivamente a Nova Aliança
Ele que é abandonado na dispersão dos Seus...	—————>	reúne-os e constitui-os «Seu corpo».
Aquele sobre quem recaem todas as forças do mal e da morte, da falsidade e da mentira, do ódio e do egoísmo...	—————>	vence a morte com amor generoso e do ódio faz brotar o amor: «Este é o Meu corpo».

Não há rasto de violência, nenhuma tentativa desesperada de justificação, de luta para impor a verdade pela força, não há rasto de crítica, de desejo de vingança, de ressentimento, de juízo de valor, de exclusão... só há um rasto: «o do amor que palpita sob um corpo que se entrega...»

A eucaristia fonte de amor

Com toda a razão a Eucaristia foi interpretada por toda a tradição como o sacramento do amor:

- Santo Agostinho: «A Eucaristia é sacramento de amor, sinal de unidade, vínculo de caridade».
- São Bernardo: «A Eucaristia é esse amor que ultrapassa todos os amores no céu e na terra».
- São Tomás: «A Eucaristia é o Sacramento de Amor: significa Amor, produz Amor.»

Pela força do Espírito Santo, Cristo faz-Se realmente presente nas espécies do pão e do vinho (transubstanciação)¹⁴, mas ao mesmo tempo nós mesmos somos transformados e incorporados pela Comunhão na vida de Cristo e nesta extraordinária dinâmica eucarística, que através da sua entrega generosa no amor é capaz de converter em comunhão e vida toda a situação de ruptura e morte.

Um «corpo que se entrega» generosamente e até ao fim, tornando-se por amor capaz de transformar toda a ruptura em união e comunhão.

¹⁴ *Mensagem da XI Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos*: «com a sólida tradição da Igreja acreditamos firmemente e ensinamos que as palavras de Jesus que o sacerdote pronuncia na Missa, pelo poder do Espírito, realizam o que significam. Realizam a presença real de Cristo ressuscitado (CIC 1366). A Igreja vive deste dom supremo que a reúne, a purifica e a transforma num só Corpo de Cristo animado por um só Espírito (Cf. Ef 5, 29)»

A Eucaristia fonte de unidade e comunhão fraterna

Na Eucaristia actualiza-se o mistério da nossa salvação e nesse sentido celebramos a passagem da ruptura da Aliança com Deus (pecado) à Comunhão na Nova Aliança que Cristo nos concedeu.

– Unidade com Cristo, em cuja vida participamos ao participar da sua carne¹⁵

Na comunhão eucarística, Cristo comunica a Sua própria vida a quem O recebe sob as espécies do pão e do vinho: «Quem realmente come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim e Eu nele. (...) Quem de verdade Me come viverá por Mim» (Jo 6, 56-57). Então, os que vivem a mesma vida, a de Cristo, só podem estar unidos entre si, formando um único corpo: o de Cristo, que é a Igreja¹⁶.

– Unidade de todos os Cristãos... no Corpo de Cristo...¹⁷

«A Eucaristia é fonte da unidade dos cristãos porque nela essa unidade é não só representada mas também produzida (cf. N. 21). A Eucaristia é o princípio, a raiz da unidade. A Igreja é só uma porque é só uma a Eucaristia. S. Paulo é muito explícito a este respeito, escrevendo aos fiéis de Corinto disse: «O cálice de bênção, que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo?»

¹⁵ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO afirma que Cristo, ao dar-nos o alimento eucarístico, faz-nos membros da sua carne e osso dos seus ossos: «Cristo mistura-se connosco, para que sejamos todos uma mesma coisa, como um corpo unido à cabeça» (Cf. *Homilia 46 En Juan*).

¹⁶ Cf. CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, *A centralidade da Eucaristia na vida da Igreja*.

¹⁷ A *Didaché*, obra escrita na aurora do cristianismo, afirma: «como este fragmento estava disperso pelos montes e, reunido, se fez um, assim seja reunida a tua Igreja no teu reino desde os confins da terra». (9,4).

Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão» (1 Co 10, 16-17)¹⁸.

Os santos Padres afirmam com força a «eficácia unificadora» da participação na Eucaristia, usando para isso figuras e expressões muito bonitas e precisas. Mas talvez ninguém tenha insistido tanto nesta visão unitiva do «sacramentum amoris» como Santo Agostinho.

«A virtude própria deste alimento – diz – é a unidade: uma unidade tal que, reunidos no Seu corpo e convertidos em Seus membros, somo aquilo que recebemos. (...) Por isso é necessário ver neste alimento e nesta bebida a associação do seu corpo e dos Seus membros, ou seja, a Santa Igreja»¹⁹.

Santo Agostinho²⁰ convida-nos assim a participar do mistério da Eucaristia com essa dupla convicção:

«Tomai o que sois: Corpo de Cristo.»

«Sede o que tomais: Corpo de Cristo.»

Regenerados e reparados nas nossas rupturas, somos convidados e capacitados para participar nessa mesma dinâmica eucarística que moveu

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ S. AGOSTINHO, *Sermão 57: PL 38, 389*.

²⁰ S. AGOSTINHO, *Comentário ao Evangelho de João 26, 15*: o outro deve ser a nossa hóstia diária. A Eucaristia deve provocar em nós a decisão consciente de ir ao encontro dos outros e entregarmo-nos a eles. Mais do que as orações litúrgicas de acção de graças, mais do que as preces privadas, a verdadeira acção de graças é a caridade – porque é que a Eucaristia falha? Porque não nos deixamos transformar. Acreditamos que ao comungar fazemos de Cristo uma coisa nossa, quando a verdade é outra. Ao comer Cristo somos comidos por Ele. E a Eucaristia falha quando comungamos, não quando somos comungados. «Assim como o Pai que me enviou vive e Eu vivo pelo Pai, também quem de verdade Me come viverá por Mim» (Jo 6, 58). *Sermão 57, 7*: «Sejamos o que recebemos: membros de Cristo integrados no seu corpo. Só então será o pão nosso de cada dia» (...) Só recebem o corpo de Cristo aqueles que já o são. Comer esta comida e beber esta bebida é o mesmo que permanecer em Cristo e ter Jesus Cristo».

o Corpo de Cristo, que é, em última instância, a «forma» do Corpo de Cristo. Não se trata só de ser Corpo de Cristo, mas de deixar que o dinamismo crístico se apodere de nós, para nos fazermos «Corpo de Cristo que se entrega...».

A comunhão no «corpo e sangue de Cristo» comunica-nos esse dinamismo intenso do amor reparador que é capaz de orientar toda a nossa vida na direcção de um amor disposto a sair de si, a entregar-se ao outro sem medida e a fazê-lo mesmo nos contextos mais frios, indiferentes ou hostis... gerando comunhão, «até que Cristo seja em todos», ou seja, até à recapitulação definitiva do mundo por Cristo em Deus. Porque, como nos recorda João, se «Ele, Jesus, deu a Sua vida por nós; assim também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos» (1 Jo 3,16).

Participar da dinâmica eucarística estabelecida na Última Ceia de Jesus é um convite a pronunciar e viver – com Ele e como Ele – a experiência desse amor até ao fim que se condensa na afirmação incessante: «Este é o Meu Corpo» como contra-oferta a toda a ruptura, a toda a dificuldade, a toda a intenção destruidora da vida. Uma afirmação que se diz e se vive com os quatro verbos do amor reparador.

II PARTE: OS 4 VERBOS DO AMOR REPARADOR

«TOMOU»

Tomar é CONSENTIR LIVREMENTE. Tomar o pão é para Jesus consentir nesse destino que, no gesto eucarístico, Ele ia antecipar, entregar e interpretar, para os Seus amigos, antes que a violência humana o arrebatasse. Tudo isto, para que o amor com o qual Ele enfrenta este destino lhes sirva também.

Porque o toma, porque o assume, pode consentir previamente tudo o que Lhe vai acontecer, e antecipá-lo aceitando-o em liberdade: «a Minha vida, ninguém Ma tira, mas sou Eu que a ofereço livremente!» (Jo. 10, 18).

Jesus actualiza no Seu gesto o consentimento absoluto da Sua existência ao plano de amor do Pai, que colocou tudo nas Suas mãos.

O «tomou» converte-se então num «tomai». Não só este pão, não só esta vida que o próprio Jesus entrega, mas a própria vida, a de cada um de nós. «Tomai-a» e consenti comigo a entregá-la. Esta é a fé: consentimento gozoso em abandonar, em apoiar a vida nas mãos de outro «tomou o pão», tomou a sua vida, como quer tomar a tua e a minha.

«TOMAR O PÃO... TOMAR O VINHO»

trata-se de agarrar a vida com as mãos, de consentir a realidade tal como nos é apresentada... a realidade que às vezes nos assusta, aquela da qual queremos fugir ou esconder-nos, a realidade que tememos... Mas também a realidade que nos interpela, que nos provoca, que nos faz sentir vivos; o que é bom, o que nos dá força, o que nos faz sorrir e sentir que tudo vale a pena. Tomar o pão, tomar o vinho supõe aceitar a realidade que rejeitámos, que quisemos eliminar, ignorar, fazer que não existisse... a realidade com a qual estamos zangados, que provoca violência em nós, a realidade que nos fere e que gostaríamos de curar...

«Tomar»... a vida, a própria e a do outro.

«Tomar»... a realidade, tal como aparece, tal como é... finita, limitada, contingente... caduca, encarnada.

«Tomar»... a realidade despedaçada, ressentida, violenta, insuficiente... cheia de ódios, de invejas, de desejo de poder; a realidade que exclui, a dos que têm, a «dos enganadores». A realidade do engano e da mentira, do artifício, do abuso, da incompreensão, da destruição, da injustiça, da opressão, dos maus-tratos ou do abandono...

«Tomá-la» como Jesus, acolhê-la antecipadamente, antes que chegue e nos surpreenda e então... optemos por fugir a correr como os discípulos, ou negar como Pedro... ou trair como Judas...

«Tomar» é ANTECIPAR e aí, antes que o irremediável nos alcance com a sua pretensão ditatorial, exercer um acto de liberdade crente, de confiança filial, de amor eucarístico, e ACOLHÊ-LA LIVREMENTE, assumi-la.

O «tomou» é um convite a TOMAR a nossa existência como é. Contar com aquilo que somos e temos, partir do exequível e aproveitar as possibilidades que a vida nos oferece, apesar de não serem as que sonhávamos, nem as ideais.

«Tomar» como Jesus «os 5 pães e os 2 peixes», sem queixas, sem dizer «que miséria! Com isto não dá nem para começar! Se tivéssemos mais, se fôssemos mais, e mais jovens, e mais capazes... se tivéssemos mais forças...».

«Tomar...» supõe desterrar o «sim condicional» que destrói a vida e as suas possibilidades – sempre assombrosas – porque com o que somos, como somos e com o que temos, o Senhor quer dar a conhecer o Seu Amor ao mundo e entregar-lhe o Seu Corpo e, para isso, convida-nos a fazermos-nos Eucaristia.

*«O Senhor Jesus,
na noite em que foi entregue,*

tomou o pão...

e em seguida, tomou o vinho...»

«Pai, se for possível, afasta de mim este cálice...

Mas não se faça a Minha vontade mas a Tua...»

Pôr em acção o «amor reparador» exige de nós colocar no ponto de partida «a realidade», a que queríamos reparar. Acolhê-la, aceitá-la, assumi-la... Tomá-la «tal como é».

«DEU GRAÇAS... ABENÇOOU-O»

No Evangelho de Mateus lemos:

«Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos Seus discípulos, dizendo: «Tomai, comei: Isto é o Meu corpo.» Em seguida, tomou um cálice, **deu graças** e entregou-lho, dizendo: «Bebei dele todos.»» (Mt. 26, 26-27)

Jesus dá graças em dois momentos e utiliza duas expressões diferentes (as mesmas que aparecem num ou noutro caso nas versões paralelas dos restantes evangelistas e de Paulo):

- 1) Abençoou, pronunciou a bênção a Deus.
- 2) Agradecer, dar graças a Deus.

O significado de ambas é semelhante, a única diferença deve-se ao contexto linguístico em que o termo nasce. «Abençoar» é a forma hebraica de expressar gratidão a Deus, enquanto que «dar graças» é a forma grega de o fazer.

As orações eucarísticas 1ª e 3ª, depois de pedir ao Pai que «abençoe e santifique» – «Abençoa e santifica, ó Pai, esta oferta, fazendo-a perfeita, espiritual e digna de ti, para que seja para nós Corpo e Sangue do Teu

amado Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor» -, põem as duas expressões juntas no momento da consagração – «dando graças, abençoou»²¹.

Este é um aspecto fundamental da Eucaristia, uma vez que esta palavra «EUCARISTIA» é justamente a forma substantivada do verbo grego *eucharistein* (agradecer, dar graças). Porque Jesus – ao instituir o sacramento do seu corpo e sangue – começou por agradecer, este sacramento denominou-se Eucaristia.

Com esta dupla referência à acção de graças, os relatos da Última Ceia transmitem-nos cinco dados essenciais:

- 1) Os Evangelhos revelam-nos a importância que a acção de graças tem para Jesus na sua relação com o Pai. Jesus «dá graças em muitas outras ocasiões»: antes da multiplicação dos pães (Mt. 14, 19 e paralelos), antes de ressuscitar Lázaro (Jo 11, 41), diante da revelação do Pai feita aos pequenos (Mt. 11, 25) e pela sua generosidade no Seu cuidado (Jo 5,20 ss; 16,15; 17,10)²². Tudo nos parece dizer que o elemento «gratidão» era essencial na relação Pai-Filho, uma vez que – como dizíamos no início, ao falar da Trindade – «para Jesus é um contínuo receber tudo do amor do Pai»²³.

²¹ ORAÇÃO EUCARÍSTICA I: «tomou o pão em Suas santas e adoráveis mãos, e, levantando os olhos ao céu, para Vós, Deus, Seu Pai todo-poderoso, **dando graças o abençoou**, o partiu e o deu aos Seus discípulos, dizendo: Tomai e comei todos: isto é o Meu corpo entregue por vós»; e na ORAÇÃO EUCARÍSTICA III: «na noite em que Ele ia ser entregue, tomou o pão, e dando graças o abençoou, o partiu e o deu aos Seus discípulos, dizendo: tomai e comei todos: isto é o Meu Corpo entregue por vós.»

²² A VANHOYE, *Vivere nella Nuova Aleanza*, Roma 1995; Id. *Tanto amó Dios al mundo*, Madrid 2005, 9-32.

²³ Algo que parece natural, pois à essência do Filho pertence o «receber-Se absolutamente do Pai», uma vez que o Pai e Ele são um, uma vez que veio para fazer a Sua vontade, uma vez que este é o Seu alimento e que Jesus revela o Pai ao mundo e o mistério do homem ao homem (GS 22), mostra-nos assim como pertence ao paradigma do humano «o receber-se... e o dar-se», que para o ser humano o constitui «ser dom»: dom porque se recebe de outro, e é enquanto que se recebe, dom porque não é só dar-se,

E aquele que sabe que «Se recebe de outro», só pode «agradecer». Por isso o amor filial é agradecido. Jesus dá graças ao Pai reconhecendo n'Ele a fonte do Seu próprio ser, da Sua própria vida, do Seu próprio amor (fonte da eucaristia) abrindo-Se em gratidão a essa imensa corrente de amor gratuito que procede do Pai. A Eucaristia deveria por isso ser para nós um espaço privilegiado de acção de graças ao Pai, que nos fez filhos no Filho, de quem nos recebemos e por cujo amor nos tornamos «instrumentos» úteis para derramar o seu amor reparador no mundo.

- 2 O «dar graças de Jesus» é também um agradecer o momento, a refeição comum celebrada com os amigos. Jesus dá graças ao Pai pelo pão que pode distribuir pelos Seus irmãos, como fonte de vida e comunhão fraterna.

Jesus dá graças ao Pai. Dá-lhe graças porque por meio do pão e do vinho pode ser continuador do movimento de generosidade de amor que brota do coração de Deus e distribuí-la pelos Seus irmãos²⁴. Jesus dá graças por este contexto de fraternidade, sustentado por um «alimento» que é Ele mesmo, dando-Se a comer e a beber, gerando assim uma presença e uma relação de «intimidade» sem precedentes²⁵.

- 3) Jesus dá graças gratuitamente, sem se apropriar do dom, Jesus sabe também que esta não é uma refeição qualquer, que a Sua acção de graças se deve abrir ao momento seguinte.

mas entregar-se. Assim se manifesta, em última análise, quem é Deus e quem é o ser humano.

²⁴ A VANHOYE, *El dinamismo de la Eucaristía*: Conferência dada aos meambros da família religiosa do Verbo Encarnado no México (20 de Dezembro de 1999).

²⁵ «Aquele que come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim e Eu nele» (Jo. 6, 56).

«Não se apropria do dom» que o Pai põe nas Suas mãos: oferecer o pão do céu que transmite a vida divina... e apresenta a Eucaristia, antes de mais, como dom do Pai: «é o Meu Pai quem vos dá o verdadeiro pão do Céu» (Jo. 6, 32), ainda que esse dom seja Ele mesmo: «o pão que Eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo» (Jo. 6, 51).

Jesus está plenamente consciente de que o Seu dom vem do Pai. Não pretende tomar a iniciativa de tal dom, ser Ele o manancial do dinamismo de amor da Eucaristia; mas dá, sim, graças ao Pai, porque é o Pai quem Lhe dá a capacidade de o transmitir.

- 4) Jesus dá graças pela Nova Aliança fundada na Última Ceia que é também dom do Pai²⁶.

O termo Aliança aparece em todos os relatos da instituição, é a «Nova Aliança» que se realiza no sangue de Cristo (Lc. 22, 20, 1 Cor. 11, 25). A carta aos Hebreus, recorda-nos que esta Nova Aliança já tinha sido profetizada por Jeremias e descrita como uma Aliança interior, pessoal, em perfeita união recíproca e fundada no perdão (Jr. 31, 31.34; cf. Heb. 8, 8). Este quarto aspecto figura em último lugar como «explicação iluminativa», mas aparece como fundamento de todos os outros, no sentido em que tudo se torna possível porque Deus perdoa o pecado e destrói o mal, e fá-lo por meio de Jesus Cristo. Mas o decisivo é a «novidade», que não nos situa diante de uma mera restauração ou restituição da antiga aliança, mas diante de uma profunda renovação, que supõe uma mudança radical

²⁶ «Neste sentido, é significativo que S. Paulo, quando fala da reconciliação com Deus, aspecto fundamental da Nova Aliança, atribua ao próprio Deus a sua actuação. De si é surpreendente, porque normalmente quem se preocupa com a reconciliação deve ser aquele que ofende e não a pessoa ofendida. No entanto, Paulo proclama: *Pois foi Deus quem reconciliou o mundo consigo, em Cristo, não imputando aos homens os seus pecados, e pondo em nós a palavra da reconciliação* (2 Cor. 5, 19). Na mesma carta, Paulo declara: *é de Deus que provém a nossa capacidade. É Ele que nos torna aptos para sermos ministros de uma nova aliança*» (2 Cor. 3, 5-6). A VANHOYE

para uma novidade radical. E, neste sentido, devemos compreender a força «reparadora» da Eucaristia, como uma restauração que aponta para um «mais» qualitativamente diferente, para uma mudança ontológica, para uma superação radical do antigo: «Eu estabelecerei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma nova Aliança. Não como a que estabeleci com os seus pais...» (Jer. 31, 31-34). A aliança do Sinai foi quebrada, mas a «reparação» desta Aliança, longe de ser uma mera «restituição» da situação inicial, vai ultrapassá-la, vai renová-la profundamente, vai conceder-lhe uma novidade que salta por cima do meramente dedutível do antigo. A Aliança é nova porque se apoia num novo fundamento: a transformação de Cristo através da Sua morte e ressurreição. Cristo, de uma existência de carne humana, foi transformado numa existência de carne glorificada.

A Nova Aliança estabelecida na Última Ceia mostra que o dom de Deus, o dom com que Deus nos queria presentear, não era só a remissão do pecado, não era só um desígnio de misericórdia, mas sim, fundamentalmente, um desígnio de amor²⁷, um desígnio que brota da ternura criadora de quem nos levou à existência, que quer num acto re-criador renovar e intensificar a união amorosa com a sua criatura, de tal modo que esta seja uma união estável e definitiva que a conduza até essa meta de amor consumidor para que foi criada.

- 5) E por último Jesus agradece o que está «para vir e a Sua capacidade de o enfrentar antecipadamente». Agradece a possibilidade de enfrentar antecipadamente a Sua morte, de fazê-la presente no pão partido e no vinho derramado. Abraçando-a de antemão confere-lhe uma nova dimensão, e determina o sentido de tudo o que acontecerá posteriormente... «em acção de graças». Algo que só é possível e pensável a partir da íntima união filial com o Pai, a partir da confiança infinita que rege esta união de amor extremo.

²⁷ Cf. A VANHOYE, *Tanto amó Dios al mundo*, Madrid 2005, 69.

Este movimento de agradecimento «prévio» a uma situação «difícil» não é único em Jesus. Na sua vida encontramos já com dois episódios prévios à Última Ceia nos quais a situação não nos levaria a dar graças:

- uma situação de penúria e escassez (a da multiplicação dos pães), onde dar graças não parece o mais adequado, pois falta o mais necessário. (Mt. 14, 13-21; 15, 29-37; Lc. 9, 10-17; Jo. 6, 1-15; Mc. 6, 33-46; 8, 1-10).
- uma situação de luto por uma morte (a morte de Lázaro), onde Jesus, diante do sepulcro do amigo se dirige ao Pai e diz: «Pai, eu Te dou graças porque Me ouviste» (Jo 11,41).

Em ambos os casos, Jesus antecipa-Se e dá graças antes que suceda quer a multiplicação dos pães quer a ressurreição do Seu amigo Lázaro. Na Última Ceia a situação é ainda mais radical. Jesus tem consciência de que é a Sua própria vida e missão que estão em jogo, e ainda assim, ou justamente por isso, Jesus dá graças antecipadamente.

O que significa este modo de agradecer?

Em primeiro lugar fala-nos de uma confiança filial sem precedentes. Jesus confia no Deus da vida mesmo quando todos os Seus passos se encontram com a morte (recorde-se que esta passagem despoleta no relato evangélico os acontecimentos que inexoravelmente conduziram Jesus à paixão).

Em segundo lugar, Jesus dá-Lhe graças porque experimenta no Seu coração a força do amor que o faz capaz de abraçar a morte transformando-na na ocasião do dom mais pleno de Si mesmo, convertendo o seu corpo e o seu sangue em fonte de comunhão, de unidade, de Aliança para todos.

Através desta acção de graças, tudo o que vem depois «leva uma direcção», leva uma orientação determinada: «converte-se em sacrifício de comunhão e sacrifício de acção de graças».

Em última instância, é a força do amor que possibilita o «agradecimento», o poder capaz de transformar a ruptura em comunhão, a separação em Aliança, a dispersão em união.

Na Última Ceia, o Pai enche o Coração de Jesus do dinamismo do Seu amor, para que o Coração de Jesus nos comunique esse mesmo dinamismo.

O amor reparador é um amor agradecido que, a partir da experiência da confiança filial, é capaz de se introduzir nos espaços de sofrimento, de dor, de ruptura... e enfrentá-los «em adiantado» e em acção de graças.

PARTIU-O

A antecipação da acção de graças, que Jesus faz na Última Ceia, ajudar-nos-á a compreender o sentido do terceiro verbo eucarístico: «partiu-o».

O pão partido e o sangue derramado falam-nos de um «sacrifício», um sacrifício que, como acabámos de dizer, será fundamentalmente um «sacrifício de comunhão/ Aliança e de acção de graças». Mas um sacrifício que também nos dá o perdão e nesse sentido é «sacrifício de expiação», de reconciliação.

Um sacrifício que se vai caracterizar pela sua singularidade, que se manifesta nalgumas notas singulares:

1) *Sacrifício de acção de graças antecipado*

Que a Última Ceia possa ser compreendida como um sacrifício de acção de graças não é novidade²⁸. Estes sacrifícios eram uma prática habitual suficientemente ilustrada no AT. O esquema habitual era:

²⁸ Cf. a para esta epígrafe: . A VANHOYE, *Eucaristía, fuente y cumbre de la Vida consagrada*, *Manr* 77 (2005) 289-304.

Situação de perigo → súplica → promessa → libertação → sacrifício de acção de graças

De tal maneira que o sacrifício de Acção de Graças aparece no final como uma feliz conclusão de um evento que foi vivido como temível ou perigoso. O extraordinário em Jesus é que o esquema muda e a acção de graças antecipa-se, situa-se no início, e «antes ainda» de antecipar a Sua morte no pão partido e no vinho derramado, tem lugar «a acção de graças». Este gesto, agradecer antes de ser salvo, é o que faz da Sua morte, antecipadamente, um sacrifício de acção de graças.

2) *Sacrifício que é dom de Deus*

A acção de graças corrige o nosso modo espontâneo de entender o «sacrifício» e aparece como um elemento indispensável para compreender em que consiste o «sacrifício». Não se trata de algo que nós façamos a Deus mas de um dom de Deus para nós, dom de santificação e de glorificação²⁹. Assim o viveu Jesus, como um dom do Pai para Ele – «o cálice que o Pai Me deu» (Jo 18, 11) –; esse Pai que tinha «colocado tudo nas Suas mãos» (Jo 13, 3). Isto é, o Pai confia-Se-Lhe todo, confia ao Filho o projecto salvífico do mundo, entrega-Se-Lhe todo e entrega-O a Ele mesmo.

O sacrifício de Cristo, portanto, é algo que Ele recebe do Pai, mais ainda, Ele mesmo recebe-Se do Pai como sacrifício para o mundo, como dom para o mundo, no mesmo acto de Se receber como sacrifício. E, em última instância, Ele mesmo Se faz sacrifício.

Neste sentido Cristo «foi extremamente activo na Sua paixão e realizou uma obra de transformação positiva que supera qualitativamente a primeira criação»³⁰. Esta obra é um «sacrifício» no verdadeiro sentido

²⁹ *Ibid.*

³⁰ ID., «*Prêtres anciens, prêtre nouveau selon le Nouveau Testament*», Seuil, Paris, 1980, p. 212-235.

da palavra, ou seja, é uma transformação pela sua relação com Deus. Sacrificar significa «tornar sagrado», «impregnar da santidade de Deus». Cristo sacrificou-Se Ele mesmo³¹. Ele foi simultaneamente passivo e activo, aquele que é oferecido e aquele que oferece, a vítima e o sacerdote.

3) *Sacrificio transformador*

Daqui se depreende um segundo rasgo desta acção de graças, que por ser sacrificial, se faz transformadora. Impregna da santidade de Deus aquele que bendiz, fá-lo sagrado no sentido em que pertence a Deus.

«Abençoo o pão». Jesus abençoa o pão, a Sua direita eleva-se sobre a mesa, a sua mão eleva-se sobre o mundo... o poder do Seu amor *kenótico* e entregue transforma e dá um novo sentido, uma nova natureza ao pão e ao vinho, e enche toda essa realidade desse «novo sentido» e significado, enche de um modo especial aqueles que partilham a mesa e a vida com Ele. Por isso a acção transformadora do Espírito na Eucaristia, chega também à comunidade reunida ao redor do Corpo e Sangue do Senhor.

Cristo abençoa e transforma, não só o pão e o vinho (transubstanciação)³², mas também as nossas existências, de «homens e mulheres velhos em homens e mulheres novos»³³ (Nova Criação).

³¹ Levado pela força do Espírito Santo, **Jesus teve o impulso necessário de que precisava para** transformar a morte própria de um condenado em oferta de si mesmo a Deus, em sacrifício de Aliança a favor de todos os homens. Foi essa força espiritual que realizou a verdadeira «transformação sacrificial», a passagem da natureza humana assumida em virtude da sua encarnação para forma glorificada da união definitiva com o Pai, aquela que tinha deixado para vir a este mundo a partir do qual passará de novo para o Pai, realizando a nova Aliança (Jo 16, 28). Cf. ID., *Tanto amó Dios al mundo*, 88-89.

³² Cujas importância é decisiva porque sem ela não teríamos o sacramento.

³³ «Assim como «um pouco de levedura, segundo a doutrina do Apóstolo, faz fermentar toda a massa», também o corpo divino de Jesus Cristo, que padeceu a morte, e é o princípio da nossa vida, entra no nosso corpo, muda-o em nós e transforma tudo em Si. Porque do mesmo modo que um veneno que se tenha derramado pelos membros sãos, os corrompe em pouco tempo, assim pela razão contrária, quando o corpo imortal de Jesus Cristo se tiver chegado a juntar com o do homem, que noutra tempo comeu o

Por isso a aliança é nova, porque se apoia num novo fundamento: a transformação de Cristo através da Sua morte e ressurreição³⁴ – Cristo foi transformado de uma existência de carne humana numa existência de carne glorificada pelo poder do Espírito Santo – , há uma transformação daqueles que participam da nova Aliança. Por esta razão, também em nós a acção do Espírito, Espírito de Amor, será essencial para que a nossa vida se transforme numa oferta agradável a Deus que nos faça viver plenamente na nova Aliança.

A Eucaristia é o «sacramento da Nova Aliança» porque torna Cristo presente nesta transformação e porque nos introduz nesta dinâmica de transformação.

fruto envenenado, transforma-o inteiro na Sua natureza divina. (S. GREG. DE NISA, c. 37, sent. 29, Tric. T. 4, p. 118 e 119)».

³⁴ A grande novidade do sacrifício de Cristo é o papel que o Novo Testamento vai atribuir ao Espírito Santo na oferta de Cristo. Na Carta aos Hebreus encontramos com um «*apáx legómenon*» (termo que aparece uma única vez na Bíblia): «Espírito eterno» para se referir ao Espírito Santo – possivelmente para nos indicar o valor eterno da salvação que nos era dada -. Só o poder do Espírito Eterno podia comunicar a Cristo a força necessária para realizar uma oferta de uma eficácia tão grande, uma oferta capaz de fundar uma Aliança nova e eterna. Para S. JOÃO CRISÓSTOMO, o autor da carta tentava sugerir que o Espírito Santo tomou no sacrifício de Cristo, o lugar que o fogo ocupava nos sacrifícios da antiga aliança. O mesmo é dizer, a função de dar à oferta a força necessária para ascender a Deus (ao transformar as vítimas do sacrifício em fumo que sobe ao céu). Então, o homem bíblico tem consciência de que para que uma oferta possa subir até Deus é preciso que o fogo tenha descido de Deus, e assim poderá voltar ao céu levando consigo a vítima (Cf. Lev. 9, 24; 2 Cro. 7, 1; 2 Mac. 1, 20-22), ou seja, tem consciência de que um sacrifício não se pode realizar só com as forças humanas sem a intervenção do poder de Deus. O ser humano só pode apresentar a oferta, mas não tem capacidade para «sacrificar» no sentido mais original da palavra, não pode tornar sagrada a sua oferta, por isso pede a Deus que a sacralize pelo fogo divino. Pois bem, no sacrifício de Cristo rompe-se com a dependência material do fogo, a não ser por meio do Espírito Santo. Este é o segredo do dinamismo interno da Sua oferta: o Espírito encherá o coração de Jesus com o fogo da caridade divina, transformando assim a morte em sacrifício de aliança. Será o Espírito Santo, o Espírito de santificação que fará sagrada a oferta, porque só o Espírito Santo é capaz de realizar uma transformação realmente sacrificial. Cf. A. VANHOYE, *Vivere nella nuova Alleanza*, Roma 1995, 167-180.

O que significa esta transformação?

Emergem aqui três aspectos claramente «reparadores» que pertencem à essência da Eucaristia:

- a) por um lado, ao comer o Corpo do Senhor, é o Senhor quem se introduz dentro de nós para que sejamos incorporados n'Ele: «em Cristo». Esta incorporação é garantia de «vida nova». O «ser humano é feito novo em Cristo», é completamente refundido, re-feito e neste sentido «reparado» e restaurado no molde da paixão de Cristo, para adquirir uma nova forma «in Christo».

Somos «reparados» na medida em que somos recriados «em Cristo», e por isso consagrados para ser incorporados no Aeu «corpo eclesial»... pertencemos a Deus e ao Seu Reino.

- b) Por outro lado, há outra transformação decisiva que é aquela que faz da morte de um condenado um meio de comunhão e de Aliança. A transformação de um sangue criminalizado num contexto de traição, negação, abandono, mentira, injustiça, humilhação, conspiração para o assassinato, etc. e derramado pelos «inimigos», em «sangue da aliança». Encontramos aqui no coração da instituição eucarística um espaço «reparador» que possibilita a passagem da ruptura à comunhão. E esta transformação da «ruptura» à «comunhão» atinge também através da transformação de Cristo, a transformação da nossa condição pecadora (ruptura com Deus) numa nova relação de união mais íntima, mais profunda, mais intensa com Deus³⁵, repara a nossa relação com Deus.
- c) Por último, se a Eucaristia se institui como sacrifício da Nova Aliança e a novidade desta Aliança exige – como temos visto

³⁵ Abordaremos este aspecto mais à frente.

– um novo fundamento, exigirá também de alguma forma um novo sacrifício, um novo mediador, e como consequência um novo culto.

O esquema do culto da antiga Aliança pretende ser um esquema de mediação (uma vez que a ideia fundamental de todo o culto é estabelecer a relação entre Deus e os homens). Mediação ascendente, como movimento que parte do povo para Deus, e mediação descendente de Deus que se baixa até ao povo. Esta mediação estava canalizada através de «sucessivas separações rituais»: povo → levitas → sumo sacerdote → vítima sacrificial³⁶ com vista a uma consagração progressiva. Saltam à vista duas limitações deste culto: uma Aliança perseguida à base de «separações-exclusões», e a incapacidade de pôr o indivíduo e o povo numa relação directa com Deus, que não fosse meramente simbólica.

Ambas as «separações», ambas as «distâncias» são abolidas por Cristo. Aqui de novo, encontramos-nos com um elemento de grande interesse para compreender o «sentido reparador» da Eucaristia. Cristo aparece como o reparador da situação «antiga», na medida em que através da sua entrega, muda os dinamismos antigos de separação, distância e exclusão³⁷, e instaura uma Aliança na qual a supressão das separações rituais, está acompanhada da superação da distância que separava o ser humano

³⁶ A: VANHOYE, *Sacerdotes antiguos, sacerdote nuevo*, 181-220 e ID, *La llamada en la Biblia*, Madrid 1983, 179-209.

³⁷ Esta ideia fica claramente reforçada se observarmos as «refeições de Jesus» que todos os exegetas reconhecem como um lugar obrigatório para compreender em toda a sua profundidade o sentido da Última Ceia e o sentido da Eucaristia. Jesus subverte altamente a norma judaica das refeições. Desperta escândalo ao comer com as prostitutas, pecadores, marginais, e inicia um movimento que se vai caracterizar pela capacidade inclusiva de todos aqueles que eram postos à margem pela sociedade e pelo poder religioso. Aboliu distâncias e aboliu as separações nos altares para fundar uma fraternidade de irmãos que prefigurava o banquete do reino e portanto a plenitude escatológica a que estamos destinados.

de Deus³⁸, uma Aliança que se estabelece como uma grande inclusão – do mesmo modo que todas as refeições de Jesus se tinham caracterizado por este dinamismo inclusivo – .

Culto e vida fazem-se realidades inseparáveis para todos os que vivem sob o sinal da Nova Aliança, num processo mais de «inclusões» que de separações... que através da incorporação em Cristo, nos permite ir caminhando até ao Cristo total, o Cristo Ómega... «até que Deus seja tudo em todos».

4) *Sacrifício cruel até assumir a morte*

Por tudo isto atravessa pelo «partir do pão», e pelo «derramar-se do vinho», ou seja, pela aceitação da morte, da paixão, da dor, do sofrimento. Jesus rompe-Se³⁹, deixa-Se partir, abre-Se até ao fim... para poder «assumir» todo o sofrimento humano, toda a dor, toda a morte, para que ninguém jamais possa dizer que morre só.

Jesus deixa-Se partir, deixa-Se abrir, para criar um espaço em que caibam todas as nossas mortes, para poder estar presente em cada uma delas; deixa-se partir para que as nossas feridas, as nossas rupturas possam ser vividas já sempre em comunhão de amor com Ele, para que possam ter sentido, para que possamos incorporá-las na Sua paixão redentora.

³⁸ De novo a carta aos hebreus torna-se esclarecedora: «Cristo... Entrou uma só vez no Santuário» (Heb. 9, 12); «Cristo não entrou num santuário feito por mão humana... mas entrou no próprio céu, para se apresentar agora diante de Deus em nosso favor.» (Heb. 9, 24).

³⁹ Apesar de habitualmente se ter interpretado a fracção do pão como o elemento da Eucaristia que diz respeito ao banquete e o derramamento do vinho, como o aspecto que remete ao sacrificial, na realidade pode-se interpretar fazendo uma leitura cruzada das duas dimensões que não ficam excluídas de nenhum dos dois elementos. O vinho é também sinal de alegria e festa, dos tempos messiânicos, de abundância, de fecundidade (banquete). Enquanto que o acto de «partir» o pão, de «rasgá-lo» remete-nos inevitavelmente para uma excisão, para uma fractura que exige um partir-se... para se dar (sacrifício).

«*Só o assumido... pode ser salvo*» reza o antigo axioma patrístico. Jesus não veio substituir uma realidade por outra. Veio «assumir» a realidade a partir de dentro da própria realidade, para salvá-la, curá-la, voltar a saná-la e recriá-la a partir de dentro, fazendo-a nova. Assumir as suas rupturas, a sua dispersão, a sua fragilidade, as suas incoerências, as suas divisões e as suas feridas. Partilhar até ao fim o destino daqueles a quem Se sabia enviado entrava na lógica da Sua própria autocompreensão (o pró-existente).

Se durante toda a Sua vida foi partilhando o destino dos mais necessitados, feridos e afastados, «a marginalização dos marginalizados, a pobreza dos pobres, a exclusão dos excluídos, a má fama dos mal afamados e os efeitos dos pecados sofridos pelos pecadores... uma lógica secreta faz-nos saltar para o limite»⁴⁰ e compreender que apareça quase como necessário dentro da lógica da Sua missão reparadora partilhar a paixão dos condenados, o sofrimento e a humilhação dos torturados e a morte como final cruel e doloroso⁴¹.

O «corpo de Jesus» será o lugar onde se confrontem morte e Deus, onde tudo fique definitivamente assumido e se mostre como definitivamente salvo, por uma força que o recupera definitivamente para a vida.

Os poderes violentos, os agentes do mal e da morte, com os poderes políticos, religiosos, culturais e morais, rasgaram este corpo, que destróçado será feito em pedaços, e derramaram sem piedade essa vida, que desde o início só se fez desviver pelos outros (pró-existência).

⁴⁰ O. GONZÁLEZ DE CARDENAL, *La Entraña del Cristianismo*, Salamanca, 1997, 564.

⁴¹ Assim, o Filho, leva sobre si o pecado do mundo (Rom. 9, 22-23), e morre na cruz para que ninguém depois dele possa morrer na ausência de Deus.

Esta é a realidade «assumida e antecipada» na Última Ceia, esta é a realidade que Jesus introduz num gesto habitual na Ceia, que a partir deste momento – e mesmo quando para os Seus permanece envolto na incerteza –, fica carregado de um sentido novo e definitivo. Nos Seus gestos e nas Suas palavras, interpreta e antecipa o que será a ruptura do Seu corpo, nesse pão que agora rasga, parte e reparte fala-nos num movimento de inclusão de «tudo em Cristo» que depende da inclusão de todos no Seu próprio destino: «a adesão e o assumir do destino de todos e a atracção de todos ao Seu próprio destino»⁴².

Se na morte de Jesus só tivessem estado as forças da ruptura, do mal, da violência e da traição, só podíamos recordá-la para a rejeitar... mas na sua morte prevaleceu a Sua liberdade entregue por nós, a Sua vida contemplada como dom do Pai para o mundo, a Sua obediência como vontade de estar em sintonia com o projecto do Pai, o amor até ao fim como resposta ao ódio e o desejo de aliança e comunhão face a toda a intenção de separação, desunião e agressão contra Ele. Noutras palavras, o sacrifício de Cristo não consistiu «essencialmente» na Sua morte, mas na «transformação da morte em fonte de vida nova». Não foi uma expiação nos termos em que agora se entende (simplesmente sofrer uma pena), e portanto a força reparadora da sua acção não brota simplesmente da Sua passagem pela morte, pelo sofrimento, pela dor, etc. Mas da transformação, isto é a santificação tornou tudo isto no fogo do «amor reparador».

Por isso, esta inversão de tudo muda o significado da morte e converte-se em vida, por isso a Sua morte pode ser contemplada e imitada, acolhida e agradecida... porque na Sua morte estava Deus «a reconciliar o mundo», «a reconciliar as relações destruídas», estas relações constitutivas que definem o que somos: a relação do homem consigo mesmo, as relações humanas, as relações com o meio em que vivemos e as relações com

⁴² A. FEUILLET, *L'Aagonie de Ghetsémani*, Paris 1974.

Aquele de quem recebemos a existência. Esse caudal de amor restitui e renova a Aliança com Aquele que nos deu o ser e a vida, de uma vez para sempre, para que a Sua vida eterna nos possa alcançar já a todos como reconciliação pessoal⁴³.

Porque o tomou, pode agradecê-lo. Porque o antecipou livremente pode deixar-Se «partir» pela violência de um destino que Se Lhe impunha sem opção. Porque Se deixou partir pôde assumir o de todos e converter-Se em mediador de Aliança de vida e comunhão «para todos». Porque a vida de Jesus se deixou «partir» pode-se abrir... e deixar brotar das Suas entranhas a água e o sangue de onde nascem a Igreja e a Eucaristia⁴⁴. Brotou uma nova vida, que nos faz novos como indivíduos e como comunidade.

Dorotea Sölle⁴⁵, uma crente contemporânea escrevia «é impossível acreditar sem se ter morto alguma vez». Xavier Quinzá recorria a esta ideia aplicando-a à Eucaristia, no seu último escrito nos folhetos «Con él»⁴⁶: «é impossível comungar sem se ter morto alguma vez».

⁴³ O. GONZÁLEZ DE CARDENAL, *La entraña*, 564.

⁴⁴ «‘Somos membros do Seu corpo, formados dos Seus ossos’ (Ef. 5, 30), aludindo com isso ao lado de Cristo, pois do mesmo modo que Deus fez a mulher da costela de Adão, da mesma maneira Jesus Cristo deu-nos a água e o sangue saídas do seu lado para edificar a Igreja. E da mesma forma que então Deus tomou a costela de Adão, enquanto este dormia, assim também nos deu a água e o sangue depois de Cristo ter morrido. Olhai de que maneira Cristo se uniu à Sua esposa, observai com que alimento nos nutre. Com o mesmo alimento nascemos e nos alimentamos. Da mesma maneira que a mulher, por si mesma, pela sua natureza, sente o impulso de alimentar com o seu próprio sangue e com o seu leite aquele que deu à luz, assim também Cristo alimenta sempre com o Seu sangue aqueles que Ele mesmo fez renascer» (*Catechesis bautismales VIII*).

⁴⁵ Teóloga leiga alemã, famosa pelo seu livro «*Sofrimento*» e pela sua obra mais recente *Teologia política*.

⁴⁶ N.º 256, Junho 2005.

Se comungarmos o corpo entregue do Senhor, não podemos não participar na entrega da nossa própria vida... porque essa é a sua dinâmica! essa é a dinâmica eucarística.

Só o assumido pode ser salvo. Só o curador ferido pode compreender de dentro a dor daquele de quem se aproxima... só a experiência de estar feridos, rasgados, e a sua aceitação, nos há-de capacitar definitivamente para sermos instrumentos de união, de inclusão, de fraternidade... – pecadores com uma humanidade pecadora, feridos num mundo ferido... – para ser eucaristicamente solidários para com a dor do mundo.

... E DEU-O

O último verbo eucarístico fala-nos de «dar». Um dar, que supõe agradecer e partilhar, não pode ser compreendido senão como «dar-se e repartir-se».

Aceitar vermo-nos como um punhado de grãos de trigo que nos deixamos moer pelas exigências da comunhão, permitirá fazer de nós «um Corpo», um corpo em comunhão, «um corpo para a missão», que como o de Cristo, com Ele, n'Ele e por Ele, vive totalmente entregue pela vida do mundo. Um corpo, portanto, solidário com as dores, sofrimento e esperanças do nosso mundo (GS 1). Só assim seremos sinal de esperança para a humanidade!

Este é o Meu Corpo que se entrega...!

Quem comunga do Corpo-entregue, do Sangue-derramado deve comungar também o destino do Salvador.

Aquele que comunga torna-se membro de um Corpo-entregue, de um Corpo para os outros, de um corpo-oferecido por todos os homens.

A Eucaristia é assim fonte não só da vida cristã – seja laica ou consagrada – mas também da nossa missão, é a fonte da nossa acção apostólica... quem comunga o Corpo de Cristo, aceita que se apodere dele a dinâmica eucarística d'Aquele que Se entrega... «é-se... para dar-se»...

No discurso do pão da vida, Jesus disse: «o pão que Eu hei-de dar é a Minha carne, pela vida do mundo» (Jo. 6, 51). A Eucaristia é um dom para a vida do mundo. Jesus não limita o Seu olhar ao pequeno grupo que está à Sua volta, mas quando diz aos Seus discípulos: «Fazei isto em Minha memória» (Lc. 22, 19), pensa em muita outra gente. A Sua acção de graças vem assim encontrar-se na origem de uma nova multiplicação do pão⁴⁷.

As primeiras acção de graças e aceitação, não são um gesto de conformismo passivo. Pelo contrário.

Este texto da multiplicação dos pães, começa com uma acção de graças pronunciada diante de uma situação de fome e carestia... mas não se fica por aí, conclui com um «dai-lhes vós de comer...» que nos inclui no gesto eucarístico de Jesus, que não só Se entrega mas que nos convida a entregarmo-nos com Ele, e com Ele deixarmo-nos comer... fazermo-nos alimento... para o mundo.

O teólogo R. Panikkar escreveu palavras muito acertadas sobre o grande desafio que nasce da celebração da Eucaristia:

«O grande desafio hoje é o de transformar o pão sagrado em pão verdadeiro; a paz litúrgica em paz política; o culto do criador na reverência

⁴⁷ Uma multiplicação ainda mais maravilhosa e importante que aquela que teve lugar no deserto. Com efeito, o fim desta última não era tanto saciar uns milhares de pessoas, senão prefigurar melhor a multiplicação do pão eucarístico. Os evangelistas sublinharam a ligação que existe entre estes dois episódios utilizando nos dois casos as mesmas expressões: Jesus toma o pão, eleva os olhos ao céu, pronuncia a bênção, parte-o e dá-o.

à criação; a comunidade cristã de orantes numa autêntica comunhão humana».

E termina recordando-nos que se não abraçamos este desafio, colocamos em perigo a própria celebração da Eucaristia, e acrescenta «talvez teremos de abandoná-la antes de terminar, para ir primeiro devolver aos pobres o que lhes pertence».

Esta afirmação não é um arrebatamento de um teólogo pós-moderno ou de uma perigosa ideologia marxista. Trata-se de uma ideia à qual a mais ortodoxa tradição cristã recorreu desde as origens do cristianismo. Os padres da Igreja eram mais radicais neste sentido que as vozes mais espectaculares dentro dos grupos de protesto pela situação da pobreza mundial no nosso tempo. Eles viam nos pobres «o altar sobre o qual se celebrava a Eucaristia». Entre eles destaca-se S. João Crisóstomo e a sua forte convicção: «o amor pelos pobres é em si mesmo uma liturgia»⁴⁸ O Santo, querendo fazer compreender aos fiéis de Antioquia a unidade misteriosa entre a liturgia que estão a celebrar e a que deveriam viver à saída da Igreja, diz que deixem o altar da eucaristia só para ir ao altar dos pobres. O símbolo da continuidade é revelador. Devemos servir na pessoa dos pobres o mesmo corpo de Cristo que servimos em memória da sua paixão e ressurreição. Estar com Cristo é entrar na dinâmica compassiva que caracteriza a Eucaristia...»*pro nobis*».

«O Mistério da Eucaristia é o mistério do irmão, e o juízo será sobre o modo como unimos o mistério de Cristo presente na Santa Eucaristia e o seu sacramento presente nos irmãos»⁴⁹.

⁴⁸ «Não fazer dos pobres participantes dos próprios bens é roubá-los, tirar-lhes a vida. O que possuímos não são bens nossos, mas seus.» É preciso «satisfazer antes de mais as exigências da justiça, de modo a que não se ofereça como ajuda de caridade o que já se devia a título de justiça».

⁴⁹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMOa, *Homilia 50 sobre S. Mateus 25, 31-46*.

O triunfo do amor extremo sobre toda a ruptura, que funda a Nova Aliança, e que celebramos na Eucaristia... é um triunfo que passa por uma «entrega absoluta por todos». É uma existência vivida como pró-existência – como comunhão de interesses com o Pai: obediência – a que encontra o seu normal culminar e leva Jesus ao acto definitivo de Se partir para Se repartir, para Se dar, para que a Sua vida alcance todos, deixando-Se penetrar pela força do Espírito que transforma a Sua morte em vida, em Aliança, e abertura de todo o homem à comunhão com Deus.

O Corpo e o Sangue de Cristo são-nos assim oferecidos para dar um sentido positivo às nossas existências, sejam quais forem as circunstâncias pelas quais devem atravessar, para abrir horizontes de sentido e fraternidade, para dar esperanças ali onde tudo parece acabado.

Pão partido e repartido, sangue derramado... oferecidos como comida e como bebida e que são mais do que alimento, são portadores de uma «interioridade recíproca sem precedentes»: «aquele que come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim e Eu nele» (Jo. 6, 56)⁵⁰. Ninguém pode nunca pensar numa união mais íntima e mais estreita que esta interioridade recíproca⁵¹. Somos incluídos n'Ele e Ele inclui-Se em

⁵⁰ «Aquele que come a Minha carne e bebe o Meu sangue está em Mim e Eu nele». Isto é comer aquela comida e beber aquela bebida, permanecer em Cristo e tê-lo a Ele, permanecendo em si mesmo. E por isto aquele que não permanece em Cristo e em quem Cristo não permanece, não come espiritualmente a Sua carne nem bebe o Seu sangue, ainda que material e visivelmente toque com os seus dentes o corpo e o sangue de Cristo» (SANTO AGOSTINHO).

⁵¹ «O Apóstolo disse: 'somos muitos, mas somos um só pão e um só corpo. Neste pão vedes como haveis de amar a unidade... Recebei, pois, de tal maneira este sacramento que procureis sempre conservar a unidade nos vossos corações, ter sempre os vossos corações voltados para o céu»: SANTO AGOSTINHO, Sermão 227. «Se quereis entender o que é o corpo de Cristo, escutai o apóstolo, vede o que disse aos fiéis: 'vós sois o corpo de Cristo e os Seus membros'. Então se vós sois o corpo e os membros, o que está em cima da santa mesa é um símbolo de vós mesmos e o que recebeis é o vosso mesmo distintivo.

nós, esta dupla inclusão é um convite a participar na Sua vida e destino. Mas como o Seu sacrifício, a Sua entrega e a Sua vida se derramam «por todos», esta união e este vínculo universalizam-se e abrem-se «a todos» porque todos somos convidados a participar no único corpo de Cristo.

«Os fiéis conhecem o Corpo de Cristo, não se esquecem que são Corpo de Cristo. Façam-se Corpo de Cristo se querem viver no Espírito de Cristo. Ó Sacramento de misericórdia! Ó símbolo de unidade! Ó vínculo de caridade! Quem quiser viver, aqui tem onde viver, tem de onde viver. Aproxime-se de perto, tome parte deste corpo para ser vivificado!»⁵².

Se participamos do dinamismo eucarístico, se consentimos com Cristo ser partidos é para nos RE-PARTIRMOS, para NOS DARMOS, para nos convertermos «com Ele e n'Ele» em alimento para o mundo.

A Última Ceia, e cada Eucaristia falam-nos assim de uma solidariedade eucarística que percorre todas as dimensões da nossa vida e nos convida a actuar na «memória viva» de Cristo.

A dupla inclusão de que falávamos tem a sua lógica. E se Cristo se oferece e morre por mim pela minha morte de pecado, enquanto eu alcanço, através da Sua entrega, a vida do amor de Deus; se ao comer o Seu Corpo e o Seu Sangue «é Cristo que vive em mim» (Ga. 2, 20), então ser cristão não pode ser outra coisa senão aderir a esta mesma dinâmica eucarística, fazermos-nos outro Cristo, tomar a «forma Christi»... e entrarmos nessa dinâmica de transformação e de solidariedade para com os irmãos.

⁵² AGOSTINHO DE HIPONA, *Sobre el Evangelio de San Juan* 26, 13.

Epílogo final

Quando na Última Ceia Jesus dá graças ao Pai, pensa nesta solidariedade, da qual somos responsáveis, e que gera uma distribuição infinita.

Participar na dinâmica da Eucaristia – celebrada, adorada e vivida, sem poder separar estes âmbitos um do outro – supõe entrar no dinamismo interno destes quatro verbos, que nos convidam a, com Cristo, n'Ele e por Ele, tomar a nossa própria vida nas mãos, agradecer-lá e agradecer a realidade que nos cabe viver aqui e agora, e estar dispostos a deixarmo-nos partir e repartir para a vida do mundo, para, transformados pela força do Espírito, nos convertermos em agentes de unidade e de comunhão no nosso mundo despedaçado e dividido.

Jesus expõe o Seu corpo e assume até ao fim o risco deste «expor-Se»... «este é o Meu corpo que Se entrega»... a adoração deste Corpo... deveria ensinar-nos a «expormo-nos»... a dar-nos... a entregar-nos... «o nosso corpo» e «como corpo».